



Pensando a Funai com visão indígena

O superintendente regional da Funai viveu em tribo indígena até 12 anos

Sibyla Baeske

Filho e neto de indigenistas, um menino nasceu na reserva Bakairi, no atual município de Paranatinga, onde viveu até os quatro anos de idade. Em seguida viveu numa aldeia Xavante, no mesmo município, até os 12 anos. Neste tempo, não conhecia nenhuma cidade. Cresceu, morou em vários lugares, e agora, aos 41 anos chefia, a partir de uma pequena sala em Cuiabá, um órgão público cuja abrangência equivale a duas vezes o tamanho da Europa.

Seu nome é Odenir Pinto de Oliveira, seu cargo é o de superintendente executivo da 2ª Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), que atua em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Na sua posse, quinta-feira última, a presença de muitas lideranças indígenas - Raoni, Mario Juruna, Tutu Pombo, Paulinho Paiakan. A gestão dos índios junto à Funai em Brasília para que ele fosse convidado foi um dos motivos que o fez aceitar a indicação.

De sua infância exclusivamente vivida nas aldeias indígenas, Odenir não tem só boas lembranças - a liberdade, o brinquedo compartilhado, as semanas no mato, longe das aldeias, para caça e pesca só com seus companheiros e, sobretudo, a água como principal meio e forma de divertimento, algo "essencialmente xavante". Guardou ainda o

domínio de duas línguas indígenas, o bakairi, que fala "razoavelmente", segundo sua própria avaliação, e o xavante, idioma em que raciocina primeiro antes de responder em português. Mais: todas as suas referências culturais até hoje são indígenas, o que acredita vá ajudá-lo na Funai, órgão esvaziado de poder e de recursos.

Hoje seu filho Pedro Paulo, de 21 anos, também criado numa aldeia, trabalha numa multinacional, a Toyota. Seu filho menor, Otávio, de 4 anos, vê o "Xou da Xuxa" todos os dias - longe dos rituais e cantos que marcaram sua infância.

"Trabalhei com os índios em vários estágios de contato. Em certas épocas trabalhei com índios 'isolados', ainda sem relação com a sociedade abrangente. Isto me possibilita hoje ter uma visão muito aproximada do que são as preocupações indígenas. Acredito que isto me permitirá desenvolver comportamentos de trabalho altamente relacionados com a cultura destes povos. O fato de ter convivido com nações indígenas em vários estágios de contato me fez verificar que o distanciamento de suas raízes expõe estes índios ao seu desaparecimento. Eu próprio verifico como os comportamentos da sociedade branca conflitam de maneira muito violenta com o meu modo de ver as coisas", explica calmo e sério.

Odenir quer empregar índios que tenham formação profissional para trabalhar em benefício das aldeias e incentivar que outros estudem. Vê com realismo os riscos: "Há uma época de deslumbramen-

to do índio quanto a certos bens da sociedade branca urbana. Ele curte esta atração. Hoje o orgulho da condição indígena é complicado pelos estereótipos dos brancos a seu respeito. Mas o apego às raízes é mais forte". Ele quer eliminar o preconceito "pela educação". E já tem uma proposta, que a Funai implantou

em Brasília há cerca de seis anos. "É um espaço que se chama 'maloquinha'. Alunos de várias escolas passam ali um tempo, pintando-se como os índios, e apontando os objetos que existem em suas próprias casas, o que mostra como a cultura indígena faz parte da vida dos brancos. Ouvem histórias indígenas e desenham suas impressões. Painéis fotográficos e filmes complementam as informações". É sua intenção implantar este espaço também em Cuiabá.

Administrar com poucos recursos

Driblar a falta de recursos da Funai com o "respaldo mínimo" de organismos internacionais é uma das propostas do novo superintendente regional, Odenir Pinto de Oliveira. Há anos ele tem contato com o Banco Mundial, a FAO, a Survival e outras entidades não governamentais, como sertanista, funcionário da Funai em períodos anteriores (1970 a 1980, 1984 e 1985) e membro

da Ecotrópica (fundação independente). Tem idéias novas para aplicação dos recursos.

A GAZETA - Quais suas metas mais importantes?

OLIVEIRA - São prioridades a demarcação e proteção das áreas indígenas, o rompimento do paternalismo histórico do branco sobre o índio e a política de assistência à saúde e à educação. Tradicionalmente desenvolveram-se grandes projetos, que contemplaram a monocultura e provocaram desequilíbrio ambiental. Não tinham resultado prático e deixavam sequelas profundas.

A GAZETA - O que vai mudar?

OLIVEIRA - Queremos fazer exatamente o contrário. Pequenos projetos, ligados a grupos específicos, de incentivo a atividades que os índios dominam tecnicamente: a agricultura, o extrativismo, o artesanato, respeitando os níveis mais tradicionais da economia indígena, que se constitui 30% de caça, pesca e coleta, 30% de excedente para venda e 30% de agricultura e extrativismo.

A GAZETA - Além da produção, outros planos?

OLIVEIRA - A Funai sem-

pre tratou os índios de forma homogênea, como se sua situação fosse igual. Pretendo agir de forma diferenciada. As nações que têm pouco contato com a sociedade envolvente vão receber professores, farmácia e outros auxílios. Os que têm grande contato vão ser incentivados a se autodeterminar. O próprio índio vai conduzir seu destino. Eles próprios vão se preparar - com nosso apoio - para ser professores. Os índios sempre foram tratados como incapazes. Isto permitiu todo o tipo de desmando pela sociedade branca: integrá-lo à força, exterminá-lo, por exemplo. O índio pode ser um advogado, agrônomo e não deixar de ser índio. Eu já vinha incentivando sua formação neste sentido sem estar na Funai. Agora pretendo dar emprego a estes índios, para que estejam a serviço das comunidades indígenas.

A GAZETA - E a Igreja, o Cimi?

OLIVEIRA - Espero continuar recebendo a sua colaboração, que tive muitas vezes. Mesmo se for sob forma de crítica. (S.B.)